

Apresentação

Marina Darmaros

Uma das maiores autoridades na literatura produzida na era Stálin, Evguêni Dobrenko disse, em entrevista recente ao jornalista e tradutor brasileiro indicado ao Jabuti Irineu Franco Perpetuo, que “antes, retirava-se da literatura tudo que parecia antissoviético. Hoje, ao contrário, afasta-se tudo que é soviético. Uma censura substitui a outra”¹. Em um esforço para ressaltar a literatura soviética, tanto a dissidente, como a do realismo socialista, além da contemporânea russa, ainda pouco visitada mesmo pelos leitores mais ávidos deste lado do oceano, subvertemos a ordem do material apresentado nesta edição especial sobre literatura russa da Cadernos de Literatura em Tradução, iniciando com contemporâneos e daí partindo para soviéticos e, posteriormente, os grandes clássicos do século 19.

Conquanto os estudos de literatura e cultura russa por muito tempo tenham se detido sobre os clássicos no Brasil, um maior interesse pela era soviética e períodos mais contemporâneos tem sido notado, conforme aumenta a atração de nossos estudantes pela Rússia – apesar das dificuldades e incertezas representadas pelos recentes fechamentos de programas universitários ligados a essas pesquisas. A própria literatura do realismo socialista soviético, porém, como lembra Dobrenko, baseava-se naqueles mesmos clássicos do século 19. “Nos anos 20, havia o slogan ‘aprenda com os clássicos’. Todos queriam escrever como Tolstói. (...) O realismo socialista é uma imitação do ‘grande estilo’ dos clássicos russos. Simplesmente não havia outros exemplos, pois o modernismo não era reconhecido nem pelos bolcheviques, nem pelos tradicionalistas. Todos escreviam ‘sob Tolstói’.”

1 PERPETUO, Irineu Franco. Literatura na Rússia só é livre porque hoje ninguém mais lê, diz professor. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2017/10/1930585-literatura-na-russia-so-e-livre-porque-hoje-ninguem-mais-le-diz-professor.shtml>

A imagem que estampa nossa capa, *Stalin as David* (2005, óleo sobre tela), pintura de um dos mais renomados representantes da “sots-art”, Leonid Sokov, também foi escolhida com o intuito de jogar luz sobre a literatura pós-Tolstói, como ousamos chamar aqui o período revolucionário e soviético, em todas as suas vertentes, e a literatura posterior a ela. Afinal, como notou Dobrenko, “sobre o realismo socialista, é claro que continua parte importante da literatura russa contemporânea, só que não mais como sujeito, e sim como objeto - retrabalhado pela ‘soc-art’ [ou sots-art] na pintura e pelos conceitualistas na literatura”. E nada mais explícito, neste sentido, que Stálin posando como o David de Michelangelo, uniforme militar pendurado em uma árvore, cachimbo sobre o ombro. Uma grande caricatura do realismo socialista que se transvestia de clássico, como o próprio “vôjd” nu em pelo no pincel de Sokov.

Luana Chnaiderman de Almeida abre esta edição com emocionante relato sobre o pioneiro das traduções russas no Brasil, Boris Schnaiderman (1917-2016). Divertido e leve, o texto é uma homenagem a seu avô, que moldou também a figura da neta, escritora e professora de português.

Na sequência, **Noé Oliveira Queiroz Policarpo Polli** apresenta um ponto de vista aprofundado sobre a tradução dos verbos de movimento russos que vai muito além dos dicionários, citando como exemplos trechos de obras literárias de Ilf e Petrof e Dostoiévski e suas traduções.

Em “A prosa delicada de Ksenia Dragunskaja em tradução”, **Denise Regina de Sales** verte ao português um texto desta escritora contemporânea, nascida em 1965 e filha de um dos mais renomados autores infanto-juvenis soviéticos, Víktor Dragúnski. O conto “Os outros e a neve” faz parte da coletânea “O segredo do *camembert* russo” (2015) e traz um recorte extremamente vívido e sensível da Rússia atual.

Eloah Pina Pereira apresenta outro conto inédito em português, “Assassinato no expresso Oriente”, de Dmítri Bykov (1967-), “um dos mais prolíferos – e polêmicos – escritores russos contemporâneos”. A tradução comentada reproduz a ironia e o humor do original, cheio de coloquialidade e intertexto soviético e pop dos anos 1990.

Em “Contos selecionados de Evguêni Kharitónov”, **Yuri Martins de Oliveira** expõe, também pela primeira vez em português, dois contos do escritor, morto em 1981 e considerado o fundador da literatura russa LGBT moderna. “Um morador escreveu um requerimento” é uma narrativa satírica a respeito da burocracia soviética e “Traição-80”, conto póstumo com uma ácida previsão sobre o fim da União Soviética e o futuro da Rússia.

Neide Jallageas verte ao português a Terceira Carta de Chklóvski (1893-1984). O texto foi escrito quando o autor encontrava-se exilado na capital alemã, onde também estava Elsa Triolet (1896-1970) – a qual, junto ao contexto, inspirou-o na criação do romance epistolar.

Cássio de Oliveira traduz e comenta um excerto de “Moscou Feliz”, de Andréi Platónov (1899-1951). Como relembra o tradutor, Platónov é “admirado por escritores como Joseph Brodsky, Tatiana Tolstáia, e Elif Batuman, porém praticamente desconhecido no Brasil”. Os impulsos e aspirações dos protagonistas de “Moscou Feliz” refletem o clima utópico dos primeiros Planos Quinquenais de Stálin – uma utopia que, como o próprio romance, é interrompida bruscamente durante a segunda metade da década de 1930.

A tradução a doze mãos de um poema de Varlam Chalamov (1907-1982) foi realizada, em seis variantes comentadas, por **Denise Regina de Sales, Bruno Palavro, Thiago Koslowsky da Rosa, Daniel Martins Saeger, Douglas Rosa da Silva, Carlos Leonardo Bonturim Antunes** em “Lilás polar escuridão”.

Aleksandr Daniel, filho de Iúli Daniel (1925-1988), tem traduzida e comentada por **Marina Darmaros** uma introdução inédita ao poema “No ringue”, escrito pelo pai e também vertido ao português aqui pela primeira vez. O pai de Aleksandr ganhou fama, inclusive no Brasil, ainda nos anos 1960, quando foi preso e enviado à gulag por publicar no exterior literatura que “difamava a União Soviética”.

André Nogueira apresenta uma seleção de 35 poemas de Marina Tsvetáieva (1894-1941), traduzidos e comentados, que abrangem desde os anos de Revolução aos debates a ela relacionados. A análise sobre o ciclo de poemas de Tsvetáieva é elegantemente fundamentada e finalizada com poema que resume a postura complexa e cheia de nuances da poeta diante da revolução, da modernidade e da tradição.

Paula Costa Vaz de Almeida traz em “Aspectos da tradução de versos dos poemas de Púchkin citados em Meu Púchkin, de Marina Tsvetáieva” uma análise e exposição das estratégias de recriação tanto dos versos do “pai da língua russa moderna” citados diretamente quanto daqueles que são citados indiretamente, incorporando-se ao tecido do texto tsvetaieviano.

Rafael Bonavina traduz e comenta “Terra Natal”, poema de Andréi Biély (1880-1934), discutindo a transformação da figura feminina em sua produção e sua relação com a revolução social, “o dia que virá”.

Em “*O Leão*, de Evguéni Zamiátin”, **Helder da Rocha** verte conto do escritor cunhado já em Paris, em 1935. Fundador da literatura distópica com

“Nós”, Zamiátin (1884-1937) pediu licença a Stálin para emigrar em 1931, já que toda sua obra estava proibida no país.

Letícia Mei apresenta, em “Uma outra Nuvem de Calças: a retradução em busca de Maiakóvski”, uma nova proposta em português para a primeira parte do longo poema “Nuvem de Calças” (1915). A primeira e, durante muito tempo, única tradução em nossa língua do poema foi assinada por E. Carrera Guerra.

Em “*Aos kinocs do sul*, Dziga Viértov” **Luis Felipe Labaki** introduz carta escrita pelo cineasta Dziga Viértov (1896-1954) em março de 1925, quando ele já completava quase sete anos de trabalho na “frente do cinema não atuado” da Rússia soviética. No contexto de relativa escassez de documentos sobre este tema, a “Carta aos kinocs do sul” se torna especialmente interessante.

Em “Impressões de Maksim Górkí sobre Vassíli Sleptsov – Um estudo sobre o Realismo Russo e a importância de dar voz às minorias”, **Odomiro Fonseca** verte texto sobre o desconhecido escritor do realismo que viajou a pé pelas estradas e confins de sua pátria estudando e captando a essência de sua população mais vulnerável, os camponeses. Mesmo com o reconhecimento de grandes escritores da época, Sleptsov (1836-1878) teve esquecida por mais de um século sua obra, que hoje é resgatada internacionalmente.

Graziela Schneider apresenta, em “Mulheres, revoluções e missões”, tradução inédita, direta do russo e comentada, do texto “Nossas missões”, publicado por Aleksándra Kollontai (1872-1952) na revista “Rabótnitsa” apenas dois meses depois da Revolução de Fevereiro de 1917, em que milhares de operárias decidem, no Dia das Mulheres, à revelia dos líderes bolcheviques, dar início a uma greve geral. A tradução tem o intuito, segundo Schneider, de “contribuir para recuperar a expressão da mulher russa revolucionária e lutar contra o seu apagamento na historiografia e nas referências bibliográficas desse e de outros processos históricos”.

Em “A Revolução por outro olhar”, **Márcia Pileggi Vinha** traduz e comenta trecho do diário de Ivan Búnin (1870-1953), *Dias Malditos*. Após tradução de trecho da obra, o artigo discute o processo de tomada de decisão por parte do tradutor, descrevendo questões como a opção pelo emprego de notas de rodapé e contaminação do texto na língua de chegada.

Em “Comentário ao Posfácio de Liev Tolstói a sua novela A Sonata a Kreutzer”, **Natalia Quintero** traz uma proposta de tradução direta do russo a este elemento, que Tolstói (1828-1910) julgou tão importante à obra. A pesquisadora também busca mostrar de que maneira o texto apresenta as respostas do autor a questionamentos de leitores acerca da abstinência sexual pregada pelo protagonista de sua novela.

Em “*O Estudante*, de A. Tchékhev”, **Diego Moschkovich** verte ao português e comenta a tradução do conto.

Tchékhov é visitado novamente por **Ekaterina Vólkova Américo** e **Melissa Teixeira Siqueira Barbosa**, que traduzem conto seu em “*Minha Ordem Doméstica*, uma tradução”, após sentirem a necessidade de uma versão em português do texto durante aula ministrada na Universidade Federal Fluminense. Na ocasião, o *Domostroí*, do arcepreste Silvestr, remeteu diretamente a Tchékhev, mas, então, os estudantes não puderam compreender de que se tratava, já que esta irônica joia da literatura russa faltava em português.

Em “O dândi vaidoso de Uma história desagradável, de Dostoiévski: aspectos poéticos e tradutórios”, **Priscila Nascimento Marques** aborda aspectos poéticos e da tradução do conto *Uma história desagradável*, de Fiódor Mikháilovitch Dostoiévski (1821-1881), publicado originalmente em 1862 na revista *O Tempo*, e em primeira tradução direta para o português pela Editora 34, em 2016.

Dostoiévski também é objeto de estudo de **Ekaterina Vólkova Américo** e **Melissa Teixeira Siqueira Barbosa** em “Crime e Castigo em reflexos: uma análise comparativa das traduções direta e indireta”. As autoras do artigo compararam a tradução indireta, feita por Rosário Fusco a partir do texto francês, com a primeira tradução direta, realizada por Paulo Bezerra e publicada em 2001, além do texto original e o interlinear em francês. Elas também apontam o curioso fato de uma porção dos leitores preferir a tradução indireta, menos fiel ao discurso e estilo dostoiévskiano que a de Bezerra.

Em seguida, **Lucas Simone** verte “*O conto do cadáver que pertencia não se sabe a quem*, de Vladímir Odóievski”. Como nota o tradutor, “O conto do cadáver que pertencia não se sabe a quem’ remeterá o leitor habituado às singulares linhas gogolianas a um ambiente familiar: o da Rússia profunda, rural, com seus burocratas de província e seus funcionários corruptos, colocados frente a um elemento sobrenatural, grotesco e inusitado, igualmente caro a Gógol e Odóievski [1803-1869], os dois maiores mestres da narrativa fantástica na Rússia”.

Fabrcio Yuri de S. Vitorino assina “Sobre o rumo da literatura de revista nos anos de 1834 e 1835: tradução do polêmico artigo de N. V. Gógol na revista ‘O Contemporâneo’, de A. S. Púchkin”. Nele, o pesquisador traduz e comenta a primeira parte do longo texto creditado a Gógol (1809-1852), ácido e extremamente crítico, que sobrevoava todo o cenário editorial do início do século 19 na Rússia, associando nomes, publicações, estratégias mercadológicas e análise de público-alvo.

Gógol também aparece em “Cidades traduzidas: Moscou e São Petersburgo”, em que **Edelcio Americo** traz traduções diretas e comentadas dos textos

“Notas petersburguesas”, escrito por Nikolai Gógol, em 1836, e “Dois caracteres, irmão e irmã”, de 1841, por Mikhail Zagóskin (1789-1852). O tradutor também apresenta a oposição Moscou-São Petersburgo no conceito de texto de cidade, ou seja, “a tradução de lugares e da memória cultural em texto, cuja decodificação oferece enorme ajuda na compreensão das obras artísticas”.

Em “*O judeu* de Ivan Turguêniev”, **Fernanda Naomi Kumagai** apresenta sua tradução do conto, que mostra a figura do judeu comparada à do russo exemplar. No texto, Turguêniev (1818-1883) contrapõe aspectos físicos e morais, tendo como protagonista o estereótipo de um judeu sórdido, e explora o antissemitismo existente no Império Russo.

Com chave de ouro, Aleksandr Púchkin (1799-1837) fecha o ciclo de traduções e artigos, apresentado por **Alípio Correia de Franca Neto** e **Elena Vássina** em “Evguêni Oniêguin: em busca de um estilo”. Além de tradução das primeiras estrofes da obra, que contou também com a colaboração de Boris Schnaiderman, os autores ressaltam no artigo as preferências de abordagens teóricas que acabaram por influenciar as “escolhas” da tradução, em termos de uma tentativa de reconstituição de estilo desta obra fundamental da literatura russa.

Por fim, o número é arrematado por entrevista com **Susanna Witt**, uma referência hoje na divulgação dos Estudos da Tradução Russos em outras línguas, tendo publicado diversos artigos e organizado e participado de coletâneas em inglês e também em sua língua nativa, o sueco, sobre o assunto. Como essas pesquisas são bastante restritas a autores russos, em geral, outros pesquisadores de Estudos da Tradução, que costumam trabalhar em muitas línguas mas, muitas vezes, não o russo, acabam por desconhecer seus trabalhos, e a ponte que vem sido construída por Witt e seus colegas, neste sentido, é de inestimável valor. Seu trabalho, porém, não está em simplesmente verter as pesquisas russas, e Witt tem uma vasta investigação própria em arquivos soviéticos. Ela nos apresenta um panorama das pesquisas levadas a cabo e publicadas em inglês e outras línguas, e os principais nomes de pesquisadores que se debruçam hoje sobre as questões russo-soviéticas nesta área.

Esta edição nunca teria podido chegar a sua forma atual não fosse pela extrema gentileza de diversos detentores de direitos autorais que nos concederam permissão de publicação e de outras figuras-chaves. Por isso, agradecemos imensamente a **Leonid Sokov**, por permitir a publicação de *Stálin as David*, ao tradutor **Robert Chandler** que nos colocou em contato com diversos detentores de direitos autorais; a **Aleksandr Daniel**, que nos forneceu texto inédito sobre o pai, Iúli Daniel, e concedeu permissão para publicação de seu “O Ringue”; a

Alexander Klimin e **Yulia Dobrovolskaya**, da agência ELKOST, além de **Varvara Shklovskaya-Kordi**, que nos permitiram publicar texto de Víktor Chklóvski; a **Dmitry Tsvetkov**, da agência FTM, pela permissão de publicação de Andréi Platónov; a **Aleksandr Rigosik** e à agência FTM, pela permissão de publicação de Varlam Chalamov, e a **Anna Gavrílova**, que auxiliou com os contatos para que isto fosse possível; a **Ksenia Dragunskaja** e **Dmítri Bykov**, por permitirem a publicação de suas próprias obras nesta edição. Além disso, é preciso agradecer à revisora **Deyse Libano**, cujo trabalho incansável na revisão desta quantidade recorde de textos foi essencial para a finalização do número. Não fossem a paixão desenfreada de **John Milton**, **Telma Franco** (a quem tanto importunei com uma infinidade perguntas durante o processo de redação de sua tese), **Marina Della Valle** e **Francesca Cricelli** pelos Estudos da Tradução e sua enorme dedicação à *Cadernos de Literatura em Tradução*, este número também não teria sido possível.

Boa leitura!